

UMA POTIGUAR

CILENE ARAÚJO SENTIU, NO COMEÇO, FALTA DAS COISAS BOAS DA TERRA. MAS DIZ QUE VIR FOI O MELHOR PARA A FAMÍLIA

Cristiano Mariz/Especial para o CB

11 MIL
POTIGUARES
MORAM
NO DF

MARIANA MAINENTI

DA EQUIPE DO CORREIO

O percurso de Cilene Câmara de Araújo, de 55 anos, não foi diferente do da maioria das mulheres de pioneiros: recém-casada, ficou sozinha durante dois anos e nove meses, enquanto o marido tentava se ajeitar na nova capital para então trazê-la para perto. Estava casada com Manoel Soares de Araújo, hoje com 65 anos, havia apenas nove meses quando ele decidiu deixar o Rio Grande do Norte e vir para cá, em 1975. Veio “apenas com a coragem”, como ela mesma diz, e só três anos depois, quando bem estabelecido, trouxe a mulher.

“Quando vim morar em Brasília, há mais de 30 anos, alugamos um apartamento e colocamos uma divisória para poder alugar a outra metade para estudantes da UnB. Ninguém tinha dinheiro para pagar um aluguel sozinho”, lembra Cilene. Segundo ela, no entanto, as dificuldades por que passou não se comparam àquelas enfrentadas pelo marido assim que veio para Brasília. “Ele chegou a morar em um barraco em Taguatinga. Tomava banho frio de



“AGORA, QUANDO VOU VISITAR A FAMÍLIA NO RIO GRANDE DO NORTE, ACABO SENTINDO SAUDADES DE BRASÍLIA DEPOIS DE UNS DIAS FORA. HOJE SOU APAIXONADA POR BRASÍLIA”

manhã e quase não dormia de tanto que trabalhava”, conta. Além disso, algum tempo depois, do apartamento alugado e dividido no Plano Piloto, o casal foi para Sobradinho, onde comprou a primeira casa.

A idéia de vir para a Brasília surgiu a partir da sugestão de um irmão de Manoel, que morava no Maranhão. Cilene e o marido chegaram a tentar a sorte em terras maranhenses, mas concluíram que não teriam lá as mesmas oportunidades oferecidas por Brasília. Apesar dos sacrifícios enfrentados no início, a potiguar não tem dúvidas de que a vinda para a capital valeu a pena. “Na nossa cidade, João Câmara, meu marido não tinha emprego. Aqui ele logo conseguiu trabalho como técnico em pesquisa florestal na UnB. Depois, fez um estágio no antigo Ministério da Indústria e Comércio e foi contratado. Em seguida,

surgiu um concurso para o ministério, ele estudou por conta própria e passou”, relata Cilene, orgulhosa.

Ela conta que nem sempre foi fácil suportar a saudade do Rio Grande do Norte. “Meus pais e meus irmãos ficaram lá. Eu tinha muita saudade. Às vezes até chorava. Mas o meu marido viu que a oportunidade dele era aqui e fico feliz de eu não ter feito esforço para ele voltar. Se isso tivesse acontecido, não teríamos a situação de vida que temos hoje”, afirma Cilene. “Só tenho a agradecer nesta vida: a Deus, a Brasília, à coragem que o meu marido teve e à minha própria força de vontade.”

O espírito aventureiro e o esforço do casal garantiram a prosperidade da família, cujo resultado Cilene vê espelhado na educação dos filhos: “Graças a Deus, nossos filhos foram privilegiados e não passa-

ram dificuldade”. Os dois mais velhos, Marcos José, de 29 anos, e Emanuel, de 27 anos, são formados e passaram em concursos públicos. O caçula, Marino, de 22 anos, estuda direito.

A convicção de que Brasília garantiria um futuro melhor para a família fez com que o casal se mantivesse firme nos objetivos. Para superar a saudade do Rio Grande do Norte, eles visitam o estado todos os anos. “Meu marido adora cuscuz, tapioca, carne torrada, carne-de-sol e macaxeira. E a minha irmã sempre manda feijão verde, farinha e rapadura”, conta Cilene, que agora nem cogita a possibilidade de deixar a capital federal. “Agora, quando vou visitar a família no Rio Grande do Norte, acabo sentindo saudades de Brasília depois de uns dias fora. Hoje sou apaixonada por Brasília.”